



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

Representações afetivas e as atitudes do jovem rural diante do processo migratório campo/cidade: Estudo de caso no município de Coração de Maria, Bahia

Valber Sodré Miranda¹; Eraldo Medeiros Costa Neto²; Fábio dos Santos Massena³

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: valbersodre@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eraldont@uefs.br
3. Coordenador do projeto O SENTIMENTO DE PERTENÇA E A DIFERENCIAÇÃO DO SELF DO JOVEM RURAL E O PROCESSO MIGRATÓRIO CAMPO/CIDADE, Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Universidade Estadual de Santa Cruz, e-mail: fmassena@uesc.br

PALAVRAS-CHAVE: Sistêmica Familiar; Psicologia; Êxodo Rural.

INTRODUÇÃO

O sentimento de pertença pode se manifestar de diversas maneiras, variando em função do perfil de cada grupo humano, mas por mais multiforme que seja, é importante que esteja fundamentado a partir de uma identidade histórica e/ou geográfica (FREITAS, 2008). A construção desse sentimento acontece na medida em que os membros da comunidade estabelecem e fortalecem suas interações e relações, construindo assim uma história coletiva que será responsável pelo estabelecimento de sua identidade. Aspectos que, segundo Freitas (op. cit.), merecem atenção principalmente diante de uma realidade cada vez mais pasteurizada.

A família tem papel preponderante na elaboração do sentimento de pertença, na diferenciação de Self do jovem e, conseqüentemente, da construção da sua identidade. Minuchin e Fishman (2003) destacam que a família se desenvolve a partir de duas funções essenciais que são o estabelecimento de um sentimento de pertença àquele grupo e a individualização de seus integrantes, ou seja, as pessoas pertencentes àquele sistema familiar, mesmo que vinculadas ao grupo, não deixarão de construir uma identidade própria que, assim como aquela estrutura, está em constante evolução.

Com o advento e crescimento dos grandes negócios agrícolas, denominados de agronegócios, é praticamente um paradoxo chamar a atenção para a Agricultura Familiar. No entanto é preciso que se discuta a respeito dela, uma vez que é uma atividade que vem há milênios sendo desenvolvida e traz um arcabouço teórico incalculável, que precisa ser mantido. Segundo o IBGE (2018), a Agricultura Familiar é responsável por cerca de 70 a 80% do alimento que está presente na mesa dos brasileiros. Respondendo por 35% do PIB do país. Diante desses dados é impensado que não voltemos nosso olhar para esse setor, daí a importância de se discutir o êxodo rural do jovem do campo (WANDERLEY, 2009).

O êxodo rural é pensado, discutido e estudado com muita frequência e está presente em uma infinidade de livros e artigos, no entanto, são poucos aqueles que

buscam uma explicação mais completa sobre a migração do jovem do campo para o urbano, muito menos sob o viés psicológico e de seus sistemas familiares (CERQUEIRA; GIVISIEZ, 2004; LOPES; CARVALHO, 2017).

Segundo Freitas (2008) não se pode pensar em desenvolvimento local sem que se trabalhe a comunidade, que tem papel fundamental em sua operacionalização. Além disso, uma comunidade se sustenta a partir do seu sentimento de pertença ao lugar e ao grupo. Nesta conjuntura, foram objetivos deste plano de estudos: compreender a formação identitária dos adolescentes do campo; analisar a diferenciação de Self e o sentimento de pertença desses indivíduos; correlacionar a formação da identidade e a elaboração do Self com os fenômenos de migração na comunidade rural de Coração de Maria-BA.

MATERIAL E MÉTODOS

As entrevistas foram realizadas nos meses de maio e junho de 2022 com alunos do Colégio Estadual Maria José de Lima Silveira, localizado no distrito do Retiro, município de Coração de Maria, região metropolitana de Feira de Santana. Os encontros do bolsista com os participantes da pesquisa ocorreram nas dependências do Colégio, pois este representava o lugar mais cômodo para a realização das entrevistas e preenchimento do questionário, já que a grande maioria dos jovens da região reside em moradias afastadas do centro urbano, o que dificultaria o acesso do pesquisador aos mesmos.

Não houve um critério base para selecionar os jovens, tendo sido feito convite em todas as turmas do turno vespertino e matutino do Colégio Estadual Maria José de Lima Silveira, e aqueles que sentiram interesse em participar da pesquisa receberam termos de consentimento com todas as informações do projeto, bem como receberam explicações diretamente do bolsista.

Após concordarem com a participação na pesquisa e recolhidos os termos de responsabilidade assinados por aqueles que são maiores de idade ou pelos responsáveis dos jovens menores de idade, teve início a aplicação de um questionário de ponderação múltipla, também conhecido como Escala de Likert, que continha 23 questões, cada qual com cinco alternativas: discordo totalmente, discordo parcialmente, indiferente, concordo parcialmente e concordo totalmente. Durante a aplicação do questionário, o bolsista esteve presente para esclarecer quaisquer dúvidas que os entrevistados pudessem apresentar. Após a coleta dos dados, fez-se a análise quali-quantitativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 25 jovens, sendo sete homens e dezessete mulheres; apenas um estudante não quis se identificar quanto ao gênero. A idade dos participantes variou de 16 e 20 anos e todos cursavam o ensino médio, sendo que 17 cursavam o 3º ano e 8 o 2º ano.

Abaixo estão algumas das principais respostas, em porcentagens, às afirmativas disponíveis no questionário utilizado:

1. Eu sou feliz sobre a pessoa que me tornei: 40% concordam totalmente, e o mesmo número concorda parcialmente, mas 12% se sentem indiferentes e 8% discordam parcialmente.
2. Eu tenho consciência de um sentido de propósito em minha vida: 56% dos jovens afirmam ter consciência de um propósito de vida, enquanto que 12% discordam parcialmente e 8% discordam totalmente dessa afirmativa. Outros 24% restante se dividem igualmente entre os jovens que responderam os itens “indiferente” e “concordo parcialmente”.

3. Eu pretendo continuar os estudos após concluir o ensino médio: 60% concordam totalmente que pretendem continuar os estudos após conclusão do ensino médio.
4. O lugar onde moro fornece as condições necessárias para minha realização profissional: para 56%, o lugar onde moram não fornece as condições necessárias para realização profissional, enquanto que 28% deles disseram que o lugar de residência fornece parcialmente tais condições.
5. Eu já tenho definido os planos para minha carreira profissional quando concluir o ensino médio: para 44% desses jovens, os planos de carreira profissional já se encontram totalmente definidos, e 32% se dizem parcialmente decidido. Porém, 16% discordam totalmente sobre esses planos futuros e 8% discordam parcialmente.
6. Meus pais querem que eu trabalhe com/na agricultura: 60% dos entrevistados afirmam que os pais não gostariam que eles trabalhassem com/na agricultura, 16% discordam parcialmente, 12% são indiferentes e 12% acreditam que os pais gostariam parcialmente que eles trabalhassem na agricultura; nenhum entrevistado concordou totalmente.
7. Do total de entrevistados, 48% afirmaram que concordam totalmente com a afirmativa “Eu exerço minha espiritualidade/religião livremente”, contra 28% que concordam parcialmente e 12% que não consideram que conseguem exercer plenamente sua vida religiosa.
8. Com relação ao eixo ecológico, 92% acreditam que a Terra merece respeito e 68% se veem como parte integrante da natureza, contra 20% que concordam parcialmente com essa afirmativa.
9. Sinto-me satisfeito em viver no lugar onde resido atualmente: 40% dos jovens se sentem satisfeitos no lugar em que vivem; 24% concordam parcialmente, enquanto 20% e 12% deles não se sentem satisfeitos completamente e parcialmente, respectivamente. Para 4%, esse fato é indiferente.
10. Penso que as condições políticas atuais em meu município são adequadas e permitem minha permanência na comunidade onde moro: 60% dos jovens não acreditam que seu município tenha políticas que garantam sua permanência na comunidade; já 24% acreditam que há sim uma assistência nesse sentido. Para 12% deles essa questão é indiferente e 4% optaram por não responder essa questão.
11. Desejo seguir a profissão de meu/minha pai/mãe: 76% não desejam seguir a mesma profissão dos pais, 12% discordam parcialmente e apenas 4% desejam seguir na profissão desempenhada pelos pais. Apenas 8% concordam parcialmente com a afirmativa.
12. O indivíduo jovem que deixa sua comunidade para buscar melhores condições de vida em centros urbanos esquece sua origem: 60% discordam totalmente de que os indivíduos que deixam sua comunidade esquecem suas origens, outros 20% discordam parcialmente, enquanto apenas 8% concordam totalmente e o mesmo número concorda parcialmente; para 4%, isso é indiferente.

O nível de independência emocional que o indivíduo estabelece em relação a sua família núcleo irá ressonar na diferenciação processada por ele, ou seja, quando em seu processo de desenvolvimento não há um estímulo à individuação emocional, onde o vínculo estabelecido entre seus membros são estreitados a ponto de limitar a elaboração de sua subjetividade, resultará em um sujeito com limitações para pensar, agir e sentir por si próprio (GUIMARÃES, 2014).

Nesse processo de diferenciação, o jovem avalia a precariedade da vida no meio rural, vivenciada na infância e observada no dia-a-dia dos pais, voltando seu olhar para a cidade. Nesse momento, ele observa a diferença existente entre o papel social daqueles que vivem no campo e na cidade. Nesta perspectiva, Lima *et al.* (2013) retomam o trabalho de Castro (2009) ao observar que as condições de vida e até mesmo o fato de morar no campo, geram um estigma de desvalorização, fazendo com que o jovem pense

que migrar para o urbano é a única opção para uma condição melhor em todos os aspectos (FONSECA *et al.*, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das respostas dos estudantes que vivem uma realidade rural em uma zona semiárida no estado da Bahia, destacamos que os jovens buscam alternativas viáveis para vivenciarem outras experiências, outras oportunidades, mas devido a situações socioeconômicas, bem como àquelas intrínsecas a sua constituição biopsicológica, muitos não encontram respaldo nem dentro de si mesmos nem entre seus familiares. Por outro lado, a localidade em que vivem, não suprem tais anseios; Por conseguinte, muitos decidirão por abandonar provisória ou permanentemente seu lugar de nascimento (o ambiente rural e seus elementos constituintes) para buscarem condições mais adequadas de estudo e emprego nos grandes centros urbanos.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, n. 7, v. 1, p. 179-208, 2009.
- CERQUEIRA, C. A.; GIVISIEZ, G. H. N. Conceitos básicos em demografia e dinâmica demográfica brasileira. In: RIOS-NETO, E. L. G.; RIANI, J. L. R. (Orgs.). **Introdução à demografia da educação**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2004. p. 129-142.
- FONSECA, W. L. *et al.* Causas e consequências do êxodo rural no Nordeste brasileiro. **Nucleus**, v. 12, n. 1, p. 233-239, 2015.
- FREITAS, C. G. **Desenvolvimento local e sentimento de pertença na comunidade de Cruzeiro do Sul, Acre**. 2008.104 f. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento Local), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2008.
- GUIMARÃES, N. V. **Autoridade e autonomia em tempos líquidos: a teoria sistêmica na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2014.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da população, 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 abr. 2018.
- LIMA, S. M. V. *et al.* **Juventude rural e as políticas e programas de acesso à terra no Brasil: recomendações para políticas de desenvolvimento para o jovem rural**. Brasília: MDA, 2013.
- LOPES, L. G. R.; CARVALHO, D. B. Juventude assentada e a identidade vinculada com a terra. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, e159034, 2017. DOI: 10.1590/1807-0310/2017v29159034
- MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.